

TABULEIRO DE LETRAS

Palavras, palavrinhas, palavrões: mudanças semânticas e culturais

Words, little words, bad words: semantic changes and cultural

Beatriz Lima do Carmo¹

Rosana Carvalho Brito²

Suelane Gonçalves Santiago Lima³

Rita de Cássia Ribeiro de Queiroz⁴

RESUMO:

Este artigo apresenta alguns estudos acerca de mudanças semânticas e culturais presentes nas palavras 'goiaba', 'desgraça' e 'bomba', nas cidades baianas de Ipirá e Conceição do Jacuípe, visando constatar como as lexias consideradas estão relacionadas com a história cultural da comunidade que as falam. O trabalho foi desenvolvido a partir de coleta de dados, levando-se em conta a idade dos informantes, para assim traçar a mudança em tempo aparente, como sugere Labov (1994). No estudo, foi comprovado que tais palavras ganharam novas acepções no decorrer do tempo, conforme as necessidades comunicativas dos falantes e, mesmo algumas dessas mudanças já estando disseminadas e cristalizadas em todas as faixas etárias, os dicionários consultados não trazem essas novas definições.

Palavras-chave: Léxico. Mudança semântica. Cultura.

ABSTRACT: This article presents some studies about the semantic and cultural changes in the words goiaba 'guava', desgraça ('disgrace') and bomba ('pump/bomb'), in the Bahia towns of Ipirá and Conceição do Jacuípe, aiming at ascertain identifying how the considered those lexical units are related to the cultural history of the community who speaks uses them. The work research was developed from data collection taking into account the age of informants, so as to trace the change in apparent time, as suggested by Labov (1994). In the study, it was proven that these words gained new meanings over time, as according to the communicative needs of the speakers and even some of these changes is already widespread in all age groups; however, dictionaries consulted do not bring these new definitions.

Keywords: Lexical. Semantic changes. Culture.

¹ Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Aluna do curso de Especialização em Linguística e Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

² Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Aluna do curso de Especialização em Linguística e Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

³ Graduada em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Aluna do curso de Especialização em Linguística e Ensino-Aprendizagem de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS.

⁴ Graduada em Letras Vernáculas e Mestre em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Doutora em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP. Professora Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS. Atua na Graduação em Letras; e na pós-graduação *stricto sensu* em Estudos Linguísticos.

1. Introdução

As línguas estão envolvidas em um complexo fluxo de mutação no tempo. A mutação faz parte da essência das línguas. Segundo Faraco (2005), a classificação geral da mudança é feita utilizando-se os diferentes níveis comuns ao trabalho de análise linguística. Assim, na história de um sistema linguístico pode haver mudanças fonético-fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, pragmáticas e lexicais.

A mudança linguística é um fenômeno complexo e, por isso, não se reduz a explicações únicas. Seus fatores condicionantes podem ser internos ou externos ao sistema linguístico. É importante se ter em vista que a história de uma língua é melhor elucidada quando sua realidade sócio-histórica é considerada.

Neste estudo, apresentam-se algumas considerações acerca da mudança em um nível específico da língua, o nível lexical, considerando sua articulação com a história cultural da comunidade linguística. Segundo Lüdtke (1974, p. 29), “La historia del léxico es una parte de la historia misma. Todos los cambios en el vocabulario se relacionan, de algún modo, con cambios políticos y culturales”⁵.

O léxico corresponde ao acervo vocabular de um grupo sócio-linguístico-cultural. Por meio das lexias, ou palavras, o homem pensa, se comunica, interage, enfim categoriza o mundo, atribuindo sentido às coisas e as compreendendo. Consequentemente, segundo Oliveira e Isquierdo (1998),

[...] esse nível da língua é o que mais deixa transparecer os valores, as crenças, os hábitos e costumes de uma comunidade, como também suas inovações tecnológicas, transformações sócio- econômicas e políticas ocorridas numa sociedade. Em vista disso, o léxico de uma língua conserva uma estreita relação com a história cultural da comunidade (OLIVEIRA; ISQUERDO, 1998, p. 7).

É possível conhecer a história cultural de uma comunidade a partir do estudo do léxico por ela empregado. Tendo em vista que as lexias nomeiam e categorizam a realidade, elas possibilitam conhecimento sobre religião, economia, política etc. de qualquer comunidade situada no tempo, desde que esta tenha deixado materiais os quais viabilizem um estudo do

⁵ Tradução nossa: A história do léxico é uma parte da história mesma. Todas as mudanças no vocabulário se relacionam, de alguma forma, com as mudanças políticas e culturais.

léxico. Abbade (2006, p. 213) também traz considerações a esse respeito, afirmando que “Estudar o léxico de uma língua é enveredar pela história, costumes, hábitos e estrutura de um povo, partindo de suas lexias. É mergulhar na vida de um povo em determinado período da história, através do léxico”.

Embora as mudanças ocorram em vários níveis da língua, é no léxico que elas se processam de forma mais contundente. Ao longo da história de uma língua, muitas palavras desaparecem e outras tantas vão surgindo. À medida que o homem tem necessidade de nomear novos aspectos da realidade, ele cria outras palavras ou atribui sentidos novos a palavras já existentes. Essas inovações lexicais nem sempre são bem aceitas, de modo que algumas acabam se tornando variações estigmatizadas; outras, entretanto, conseguem se impor, implicando uma mudança linguística.

Neste trabalho, analisaram-se as novas acepções de sentido de três lexias: “goiaba”, “desgraça” e “bomba”. A coleta dos dados foi realizada nas cidades de Ipirá e Conceição do Jacuípe. As informações levantadas ratificam o caráter dinâmico do léxico e mostram que cada comunidade, a partir de suas vivências, se relaciona de uma forma específica com as lexias de sua língua.

2. Aspectos Metodológicos

Para quantificação dos dados do presente estudo, foram entrevistadas pessoas de quatro cidades baianas: Feira de Santana, Santo Estêvão, Conceição do Jacuípe e Ipirá. Foram ouvidas duas pessoas de cada gênero (masculino e feminino) em três faixas etárias: a primeira, até 25 anos; a segunda, que vai dos 26 aos 55 anos, e a terceira, a partir dos 56 anos. Os entrevistados são aqui identificados pelas iniciais dos seus nomes acompanhadas da idade. Por exemplo, um informante representado pelas iniciais JBC, que tenha 14 anos, é identificado como JBC-14.

Assim, neste estudo, considerou-se a variável idade. Na concepção de Labov (1994), a abordagem mais favorável para o estudo de mudança linguística em andamento é traçar mudança no tempo aparente, ou seja, proceder à investigação do fenômeno por meio de níveis de idade. Foi esse o método que Labov (1972) desenvolveu em seu estudo de Martha’s Vineyard, ao observar uma comunidade de fala em dois pontos discretos do tempo. E é isso que se apresenta neste trabalho, mas considerando três pontos do tempo, especificados no parágrafo anterior.

No que concerne à análise dos resultados, especifica-se o significado dicionarizado de cada uma das palavras pesquisadas para, na sequência, discorrer acerca das novas conotações de sentido que elas assumem em cada uma das cidades consideradas na pesquisa.

2.1 Análise e Discussão dos Dados

Na cidade de Ipirá, situada às margens da BA-052, a 220 km de Salvador, foram pesquisadas as novas conotações de sentido das palavras “desgraça” e “goiaba”.

No *Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa* (2004), no verbete “goiaba”, encontra-se a seguinte acepção: “Fruto de polpa branca ou avermelhada, comestível, e do qual se fazem doces e geleias”. Significado praticamente sinônimo⁶ é apresentado no *Dicionário Aurélio Digital*.

Contudo, na referida cidade, tal palavra vem assumindo novas acepções. Assim, é muito comum, por exemplo, empregá-la nas seguintes situações:

- a) Esse menino é goiaba.
- b) Ela é até bonita, mas é muito goiaba.
- c) Nunca vi uma pessoa tão goiaba quanto ele.

Nos três casos mencionados, a palavra “goiaba” faz referência a pessoas bobas, que falam muita bobagem, que não costumam ter conversas interessantes, que são muito infantis. É como se a palavra “goiaba” sintetizasse todos esses aspectos. Tal palavra é usada de maneira indiscriminada para adjetivar homens e mulheres pejorativamente. Assim, nos exemplos apresentados, a pessoa que caracteriza a outra com o adjetivo “goiaba” a considera boba, imatura, com comportamentos infantis etc.

Há casos também em que essa palavra é usada entre amigos. Nesses contextos, o costume parece ser a principal motivação para o uso da palavra, visto que aqui não há intenção de ofender, nem de atribuir à pessoa qualquer uma das acepções mencionadas anteriormente.

Prosseguindo com a consideração dos dados da entrevista, foram entrevistadas quatro pessoas – dois homens e duas mulheres – em cada faixa etária especificada nos métodos.

⁶ Neste trabalho, a palavra “sinônimo” é tomada no sentido de correspondências de significado, ou seja, entende-se por palavras/frases sinônimas palavras/frases com significado semelhante, muito próximo, parecido.

Falantes de todas as faixas etárias confirmaram usar a palavra goiaba em contextos muito próximos dos especificados. A seguir, têm-se os dados da primeira faixa etária, até 25 anos, com a especificação das situações em que os entrevistados utilizam a palavra “goiaba”:

- A informante ASPAS-21 diz usar a palavra “goiaba” para se referir a pessoas homoafetivas e a pessoas chatas, insuportáveis;
- A informante WCC-20 diz usar a palavra “goiaba” para se referir a pessoas que falam bobagens, fazem besteiras, coisas tolas, que têm atitudes de criança;
- O informante EFR-21 admite utilizar goiaba para se referir a pessoas muito metidas, exibidas, e pessoas cheias de brincadeiras sem noção;
- O informante AFR-22 explicou que usa a palavra goiaba quando “o cara é muito besta”.

A resposta da informante ASPAS-21 será comentada mais adiante. Quanto aos outros dados, conclui-se que todos os informantes utilizam a palavra “goiaba” em situações muito próximas entre si, todas se referindo basicamente a pessoas com atitudes tolas, infantis, sendo que os adjetivos citados demonstram isso (chata, insuportável, besta etc). Todos os informantes demonstraram reprovção em relação às pessoas consideradas “goiabas”, ou seja, o “goiaba” não é aquela pessoa benquista no círculo de amizade.

O informante EFR-21, além de apresentar situações que se assemelham às demais, trouxe um dado novo, quando a palavra se refere a pessoas metidas, e mesmo assim existem relações com os outros dados, visto que a pessoa metida geralmente tem comportamentos que a caracterizam como uma pessoa goiaba. É possível especular também que esse informante tenha se referido às pessoas exibidas como “goiabas”, justamente por isso, porque elas têm atitudes de goiaba e não pela exibição propriamente dita.

Quanto à segunda faixa etária, dos 26 aos 55 anos:

- A informante MOF-30 explicou que usa a palavra goiaba para se referir a pessoas homoafetivas e pessoas que gostam de brincadeiras bestas;
- A informante NSFS-49 afirmou usar a palavra goiaba para se referir a pessoas muito bobas;
- O informante JSP-29 declarou que usa a palavra goiaba para se referir a pessoas que falam muita besteira;
- O informante LSA-50 explicou que usa a palavra goiaba para se referir a pessoas que falam coisas sem sentido.

As informantes ASPAS-21 e MOF-30 apresentaram um dado curioso, ao explicar que usam a palavra “goiaba” para se referir a pessoas homoafetivas. Essas informantes foram contatadas no primeiro dia de entrevistas. A partir desse dado novo, perguntou-se às novas pessoas entrevistadas se elas utilizam a palavra “goiaba” para se referir a pessoas homoafetivas, mas nenhum informante respondeu positivamente. A explicação para a particularidade de uso dessas duas informantes talvez esteja próxima da que foi dada anteriormente em relação aos dados do informante EFR-21. É possível que a palavra “goiaba” não seja usada para se referir a pessoas homoafetivas de um modo geral, mas apenas às pessoas homoafetivas com as características das pessoas consideradas goiabas.

Quanto à terceira faixa etária, a partir dos 56 anos:

- A informante BCS-72 diz que goiaba é pessoa que fala muita besteira, o sujeito que é goiabado;
- A informante BEM-71 considera goiaba a pessoa que não sabe falar, que é muito “besta”;
- O informante GJV-57 explicou que chama de goiaba a pessoa matuta, que não conhece muito as coisas da cidade;
- O informante EAR-64 afirmou que goiaba é pessoa muito besta, que se amostra, mas não sabe nada.

Também nessa faixa etária, todos os informantes utilizam a palavra goiaba para além dos sentidos dicionarizados. As situações de uso são próximas das outras faixas etárias. O informante GJV-57 utilizou a palavra para se referir a pessoas matutas, ou seja, pessoas que são pouco familiarizadas com os costumes da cidade, mas mesmo esse sentido guarda semelhança com as demais explicações, já que o matuto, por não conhecer algumas coisas da modernidade, é visto como bobo.

O dado da informante BCS-72 traz uma flexão para a palavra goiaba: o sujeito que é goiaba é goiabado. Além dessa flexão, foram identificadas outras: o feminino de “goiabado”, “goiabada”, além da palavra “goiabice”, para se referir às coisas que as pessoas goiabas fazem. Essas flexões sugerem que o uso da palavra “goiaba” com as especificidades apontadas já é bastante disseminado em Ipirá, de modo que pessoas de todas as faixas etárias utilizam o termo, tanto a forma simples quanto as flexionadas.

Outro aspecto interessante, observado em relação à palavra “goiaba”, é que a maioria das pessoas entrevistadas demonstrou utilizar essa palavra para se referir a pessoas que estavam fora da conversa, ou seja, para caracterizar alguma terceira pessoa de quem se falava e não com quem se falava. Isso foi constatado por meio dos exemplos de uso que os entrevistados deram. A maioria usou exemplos em que, em conversa com alguma(s) pessoa(s), utilizou a palavra “goiaba” para caracterizar alguém de quem se falava.

Como se vê, em Ipirá é frequente o emprego da palavra “goiaba” para se referir a pessoas chatas, desinteressantes, bobas. A palavra “goiaba” apareceu nesses contextos nas falas das pessoas de todas as faixas etárias consideradas neste estudo. A totalidade dos informantes afirmou usá-la para se referir a pessoas infantis, bobas. Outra constatação que ratifica a disseminação desse novo uso da palavra “goiaba” na cidade de Ipirá é o fato de ela ser utilizada por pessoas de vários níveis de escolaridade. Vale destacar também que, em conversas informais com pessoas de Santa Bárbara, Serrinha, Santo Estêvão, Conceição do Jacuípe e Santo Amaro, cidades estas não muito distantes de Ipirá, constatou-se que essas pessoas desconhecem qualquer significado para a palavra “goiaba” que não seja o dicionarizado. Assim, ao que parece, essa inovação semântica é uma particularidade de Ipirá.

A respeito da palavra “desgraça”, o *Dicionário Aurélio Digital* a define como “Desaparecimento das boas relações que se tem junto a outra pessoa; desfavor”, sinônimo de: azar, angústia, catástrofe, fatalidade, tragédia e outras mais. Entretanto, assim como a palavra “goiaba”, o termo “desgraça” também vem assumindo novas acepções na cidade de Ipirá e é comum ser empregada como xingamento ou como uma entidade maligna. Nesse sentido, essa palavra é usada para ofender ou se referir a algo ou alguém, como uma interjeição, ou até mesmo para intensificar, como acontece no exemplo “e”, apresentado adiante. A seguir, algumas exemplificações de frases corriqueiras com a palavra “desgraça”:

- a) Sai daqui, desgraça!
- b) Essa desgraça não me ajuda em nada.
- c) Desgraça! Quebrei um copo.
- d) A desgraça da caneta está falhando.
- e) Que calor da desgraça!

Há pessoas que demonstram pudor e repulsa com relação a essa palavra e repreendem quando a escutam, com frases do tipo: “Deus é mais”; “Vou rezar um crediospade”⁷. E se a palavra é falada/xingada durante as refeições, considerado momento sagrado, há quem diga “Bate na boca, vai comer esse nome ruim junto com a comida?!”. Nos horários da oração de Ave Maria, correspondente às 6h, 12h ou 18h, horários que os católicos consideram sagrados, também há repreensões com frases do tipo: “Como é que xinga um nome desses em plena 6h/12h /18h/?!”

A seguir veremos as considerações da primeira faixa etária, até os 25 anos:

- A informante CSO-24 logo disse não gostar dessa palavra, que não sabe exatamente o significado, mas deve estar relacionada ao “coisa-ruim”;
- A informante SLC-15 também diz que desgraça é uma coisa ruim, e a comparou com “cabrunco” “satanás” e “cão”⁸;
- O informante LNO-23 diz ser uma coisa errada, que não dá certo;
- O informante DLC-18 apenas disse ser uma coisa ruim;

Na segunda faixa etária, dos 26 aos 55 anos:

- A informante MD TLC-45 disse que falaram a ela que desgraça é apenas uma coisa sem graça, mas que os mais velhos diziam ser uma mulher que andava com a trouxa na cabeça fazendo desastres com as pessoas;
- A informante TJN-48 disse que é o nome do inimigo⁹;
- O informante LASC- 33 explicou é que um nome “brabo”, não sabe ao certo, mas acredita que seja o nome de uma doença;
- O informante PDC- 48 define desgraça como um acidente de carro, uma morte e outras coisas do tipo.

A resposta dada pela informante MD TLC-45 foi a única com lenda, em que “desgraça” aparece como ser do mal, pois causava desastres com as pessoas, o que acaba

⁷ A palavra “crediospade” é utilizada em Ipirá como uma variação de pronúncia da expressão “Creio em Deus Pai”.

⁸ Esses termos são usados para se referir ao diabo.

⁹ Esse é mais um termo utilizado para se referir ao diabo.

estando relacionado à definição do dicionário; a mulher causava desastre, sinônimo de desgraças e provavelmente foi por conta disso que tal mulher foi assim nomeada.

O informante PDC-48 usou exemplos de desgraças para definir o termo, e isso nos permite inferir que, para esse informante, o significado da palavra é próximo ao do dicionário.

A informante TJN-48 também trouxe um dado interessante, pelo qual ela acredita que desgraça é o nome do diabo, ou seja, é sinônimo de “satanás”, como cita também a informante SLD-15.

O dado fornecido pelo informante LASC-33 foi inédito na pesquisa, pois ele foi a única pessoa que relacionou “desgraça” a uma doença e a considerou como “um nome brabo”.

Da terceira faixa etária, a partir dos 56 anos emergem os seguintes dados:

- A informante BPS-74 disse que não sabe o que é, pois não xinga esse nome ruim;
- A informante IMA-71 explicou que é o que não é bom e disse não xingar esse nome;
- O informante AJSC-70 explicou que não é coisa boa e que não xinga esse nome;
- O informante AJC-74 explicou que é o mal; é xingar o mal.

Por mais que os informantes dessa faixa etária não tenham definido a palavra claramente, eles demonstraram repulsa em falar sobre, e todos usaram o verbo “xingar” para se referir a ela. Sendo assim, eles tratam “desgraça” como um xingamento, ou seja, serve para ofender, descompor, destratar, afrontar algo ou alguém.

Como podemos perceber, nem todos os informantes relacionaram a palavra com alguma entidade maligna, mas a maioria demonstrou dificuldades para falar sobre a significação, alguns até mesmo inicialmente se recusaram a responder, alegando não saber o que é, talvez por medo, pois alguns acreditam que ao falarem/xingarem podem atrair acontecimentos ruins, ou até mesmo trazer a própria entidade maligna para próximo deles. Apesar de algumas pessoas terem acepções próximas do significado dicionarizado da palavra, a utilizam na perspectiva do xingamento e não apenas como o dicionário descreve. Vários informantes também disseram não gostar de determinada palavra, o que nos remete a repulsa e pudor, sendo assim pode-se perceber que “desgraça”, em Ipirá, passou a ser tratada como xingamento.

Na cidade de Conceição do Jacuípe-Ba, situada às margens da BR-101, a 78 km de Salvador, foram pesquisadas as acepções de sentido da palavra “bomba”.

No *Dicionário Aulete Digital*, no verbete “bomba”, encontra-se o seguinte: “Artefato explosivo, de pequena ou grande potência, que rebenta por meio de rastilhos ou de espoletas”. Já o *Dicionário Aurélio Digital* traz esta definição: “Máquina para elevar água, Projétil explosivo, Peça de artifício que estoura, Acontecimento inesperado, Desgraça imprevista, Bomba de gasolina etc.”. Percebe-se que os significados apresentados são bastante semelhantes, contudo, a lexicografia do *Dicionário Aurélio* oferece ao leitor um número maior de acepções que não caberia aqui informar.

Seguem alguns exemplos das significações atribuídas à palavra “bomba”, na cidade de Conceição do Jacuípe, em alguns contextos pragmáticos:

- a) Joana, tenho uma bomba pra te contar!
- b) Júnior soltou uma bomba.
- c) Esta comida é uma bomba!
- d) O corpo de Ricardo está diferente, devido ao uso de bomba.

Observando esses casos, percebe-se que o número de definições para a palavra “bomba” não é tão limitado quanto parece à primeira vista. Essa palavra, na maioria das vezes em que aparece na referida cidade, imprime uma carga semântica negativa, chegando até a trazer certa expectativa ao interlocutor. Como se pode ver em a), refere-se a uma fofoca boa aos ouvidos dos interlocutores e má de quem se fala. Em b), refere-se a um “peido”, que alguém soltou gases. Em c), a um alimento muito calórico, ou que não faz bem àquele que o comeu. Por fim, em d), o termo diz respeito à utilização de anabolizantes por alguém que busca um corpo mais definido.

Antes de proceder às análises das entrevistas, vale demonstrar algumas considerações. O uso dessa palavra na fala cotidiana das pessoas traz à gramática da fala empréstimos semânticos e/ou neologismos, o que demonstra uma praticidade ao diálogo corriqueiro entre os falantes, lembrando que muitas vezes esse fenômeno acontece e se pulveriza nas falas das pessoas como modismos linguísticos.

A seguir têm-se os dados da primeira faixa etária, até 25 anos, com a especificação das circunstâncias em que os entrevistados empregam a palavra “bomba”:

-A informante CEM-23 utiliza a palavra “bomba” para fazer alusão a uma notícia chocante;

- A informante DSS-23 admite utilizar a palavra, quando se trata de uma notícia curiosa, seja ela boa ou ruim;
- O informante RHSA-21 faz uso desse termo para se referir a uma notícia ruim;
- O informante IALJ-8 revela que utiliza a palavra “bomba”, para se referir a uma explosão.

Nessa faixa etária, constata-se que as respostas dos informantes CEM-32 e DSS-23 encontram-se próximas aos sentidos dicionarizadas pelo *Dicionário Aurélio Digital*, segundo o qual a palavra bomba significa também “Acontecimento inesperado/desgraça imprevista/susto”.

Quanto à segunda faixa etária, dos 26 aos 55 anos:

- A informante SGSL-30 utiliza a palavra para fazer alusão ao uso de anabolizantes;
- A informante CAL-43 afirma proferir essa palavra quando há uma notícia ruim sobre algo ou alguém;
- O informante IAL-33 admite utilizar esse termo para se referir a uma espécie de bebida alcoólica cuja embalagem lembra o formato de uma granada;
- O informante GAL-26 diz utilizar essa palavra para referir-se a um explosivo.

Na segunda faixa etária observaram-se duas atribuições diferentes a esse termo. A informante IAL-33 apresenta uma significação não dicionarizada e utilizada por algumas pessoas na cidade de Conceição do Jacuípe. Percebeu-se nessa informação uma relação entre o significado e o significante. Trata-se da embalagem no formato de uma granada, seu conteúdo, uma cachaça e essa relação do real efeito da bebida no indivíduo que a ingere, efeito este denotado como uma bomba no organismo da pessoa. A informante SGLS-30 traz ao termo “bomba” uma relação ao uso de anabolizantes, ou seja, aquela pessoa que frequenta a academia e utiliza substâncias para definir o corpo ou dar um efeito mais avantajado a determinada parte do corpo.

Quanto à terceira faixa etária, a partir dos 56 anos:

- O informante FNPS-63 refere-se à palavra “bomba” como uma peça automotiva.
- A informante ARFS-48 afirma utilizar essa palavra, ao se referir a uma fofoca.
- A informante IAL-56 faz uso dessa palavra para referir-se a uma explosão.
- O informante APS-56 utiliza essa palavra quando comeu algo e que não lhe fez bem.

Na terceira faixa etária, salienta-se a posição profissional do informante FNPS-63 (mecânico automotivo), o que contribuiu para um significado primário atribuído por ele ao termo “bomba”.

Dado o exposto, foi constatado que os significados atribuídos à palavra “bomba” nas três faixas etárias, em sua maioria, dialogam entre si, mas percebem-se algumas particularidades existentes na fala da cidade, e que ainda não constam nos dicionários citados neste estudo.

Entretanto, embora existam semelhanças e influências entre a fala e a escrita, a estrutura e a forma da acepção do termo possuem algo que o particulariza com tal significação. A construção linguística é que o determina, ou seja, seu contexto de uso, pois, isoladamente, o significado perde a amplitude e passa a ser limitado. Nesse caso, o uso dessa palavra pode conter uma gama de significações, contudo, na escrita isso não pode ocorrer, a depender do gênero textual em que se apresenta esse item lexical.

Portanto, nota-se que a lexicografia de alguns dicionários vem sofrendo forte influência da fala, por conta do crescente número de inserções de sentidos atribuídos a uma palavra, como no *Dicionário Aurélio*, por exemplo, no qual se encontrou o maior número de acepções à palavra “bomba” citada nesta pesquisa.

3. Considerações Finais

As línguas variam contínua e gradualmente de várias maneiras. Com a mudança semântica, as palavras ganham novos significados sem alterações na ortografia. Tais mudanças podem atingir todas as faixas etárias, sexos e classes, ou apenas um determinado grupo da população. Essas modificações acontecem de acordo com as necessidades dos falantes, conforme Bagno (1999):

[...] a ciência linguística moderna já provou e comprovou, não existe nenhuma língua no mundo que seja “una”, uniforme e homogênea. O monolingüismo é uma ficção. Toda e qualquer língua humana viva é, intrinsecamente e inevitavelmente *heterogênea*, ou seja, apresenta variação em todos os seus níveis estruturais e em todos os seus níveis de uso social (BAGNO, 1999, p. 27-28).

Considerando-se as manifestações mais espontâneas e autênticas da cultura popular brasileira e diante das pesquisas e análises das palavras citadas anteriormente, constata-se que existem mudanças semânticas em tais palavras. Algumas mudanças são bastante disseminadas e chegam até a atingir grande parte do território nacional. Outras limitam-se a uma determinada comunidade, ou grupo, como a palavra “goiaba”, que parece ter ganhado essa nova acepção apenas na cidade de Ipirá.

Apesar de os significados estarem sendo modificados ou ampliados conforme a necessidade dos falantes, tais mudanças demoram de ser reconhecidas pelos gramáticos normativistas, para serem, por fim, dicionarizadas. Pode-se ver, por exemplo, que em determinadas palavras, falantes de todas as faixas etárias veem a significação a partir das novas acepções, o que sugere que tais mudanças acontecem há bastante tempo e já estão disseminadas. Mas, ainda assim, os dicionários trazem apenas o significado primário da palavra, o que ocorreu com “goiaba”, “desgraça” e “bomba”, lexias consideradas neste artigo.

Referências

ABBADE, Celina Márcia de Souza. O estudo do léxico. In: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro de; SANTOS, Rosa Borges dos (Org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.

AULETE, Caldas. **Minidicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico**. O que é, como se faz. São Paulo. Loyola, 1999.

DICIONÁRIO AULETE DIGITAL. Disponível em: <<http://www.aulete.com.br/bomba>> . Acesso em: 04 set. 2015.

DICIONÁRIO AURÉLIO DIGITAL. Disponível em: <<http://dicionariodoaurelio.com/bomba>> . Acesso em: 04 set. 2015.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: Uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio**. 5. ed. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 2001.

LABOV, William. **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania, 1972.

_____. LABOV, William. **Principles of Linguistic Change**. Cambridge, MA, Blackwell, 1994.

LÜDTKE, Helmut. **Historia del Léxicorománico**. Versão espanhola de Marcos Martínez Hernández. Madrid: Gredos, 1974.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia Ribeiro; SANTOS, Rosa Borges dos (org.). **Diferentes Perspectivas dos Estudos Filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006.

Recebido em: 11 de abril de 2016.

Aceito em: 30 de maio de 2016.